

**“Não há distância que nos separe”: a zona urbana picoense através dos programas da
Rádio Difusora de Picos (1980-2000)**

“No distance can separate us”: the urban area of Picos through the programs of Rádio
Difusora de Picos (1980–2000)

Graziela Reis da Silva¹, UFRN

Resumo

O presente trabalho investiga quais aspectos da vida urbana picoense foram difundidos pela programação da Rádio Difusora de Picos nas décadas de 1980 e 1990 e que permanecem vivos na memória dos ouvintes. A partir da metodologia da História Oral, foram realizadas entrevistas com pessoas que acompanhavam ativamente a programação radiofônica no período. O recorte teórico baseia-se em Pesavento (2007; 2008), para refletir sobre a cidade; em McQuail (2012), para compreender o funcionamento dos meios de comunicação de massa; e em Pollak (1989; 1992), para analisar como as memórias são socialmente construídas. A análise evidencia que o rádio, além de informar, mediava percepções sobre o espaço urbano e exerceu papel fundamental na construção da memória coletiva da cidade.

Palavras-chave: Picos-PI; Rádio; Cidade; Memória.

Abstract

This study investigates which aspects of urban life in Picos, Brazil, were disseminated through the programming of Rádio Difusora de Picos during the 1980s and 1990s and remain alive in the memory of its listeners. Based on the methodology of Oral History, interviews were conducted with individuals who actively followed the station’s programming during that period. The theoretical framework draws on Pesavento (2007; 2008) to reflect on the concept of the city, McQuail (2012) to understand how mass media operates, and Pollak (1989; 1992) to analyze how memories are socially constructed. The analysis reveals that radio, beyond informing, mediated perceptions of urban space and played a fundamental role in shaping the city’s collective memory.

Keywords: Picos-PI; Radio; City; Memory.

Introdução

Picos é um município que fica localizado na região centro-sul do Piauí. Os primeiros processos de povoamento da área datam do século XVIII e, em 2022, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), possuía 83.090 habitantes e contava com a terceira maior cidade do estado, ficando atrás apenas de Teresina e Parnaíba. Desde o final da década de 1970, com a instalação da primeira emissora de rádio na cidade de Picos, o

¹ Formada em História pela Universidade Federal do Piauí (UFPI); mestranda em História pelo Programa de Pós-graduação em História e Espaços da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGH-UFRN). Email: grazielareis11@gmail.com.

veículo passou a exercer um papel de utilidade pública, prestando serviços à população urbana e rural do semiárido piauiense.

Em um contexto no qual poucos indivíduos tinham acesso a outros meios de comunicação, segundo Sousa e Lima (2018), o rádio tornou-se um canal fundamental para a transmissão de músicas, notícias e avisos de interesse coletivo. Até a virada do século, era o principal meio de comunicação utilizado pelos habitantes locais e da macrorregião. Durante as décadas de 1980 e 1990, o rádio ocupava um lugar central no cotidiano picoense; estava amplamente presente em residências, comércios, bares e outros espaços de convivência (Matos, 2021). Esse protagonismo decorria da limitada acessibilidade a meios de comunicação, como a televisão, que só veio a ser incorporada posteriormente pela maior parte da população.

Por meio da programação, as rádios contribuía para a cobertura do cotidiano citadino, noticiando as mudanças, movimentações e transformações no ambiente urbano local. No entanto, a forma como isso ocorria ainda é uma questão em aberto para a historiografia. Segundo Aquino (2013), as primeiras experiências com a radiodifusão em Picos tiveram início por meio de amplificadoras, embora não haja documentação disponível que registre com precisão essas iniciativas. Posteriormente, ocorreram as primeiras instalações de emissoras de rádio. Porém, conforme o autor, as pesquisas sobre o rádio no Piauí ainda são escassas, o que repercute na compreensão acerca do trabalho exercido por esse meio na região. Por essa razão, esta investigação se debruça sobre o tema.

Nesse viés, o presente trabalho busca compreender quais aspectos da vida urbana picoense foram evocados e reforçados pela programação radiofônica produzida na região e de que modo essas representações permanecem vivas na memória dos ouvintes, influenciando suas percepções sobre a cidade de Picos. Nessa análise, observam-se também as relações de poder estabelecidas em torno do rádio, que condicionavam a produção dos conteúdos e orientavam as narrativas produzidas e disseminadas sobre o espaço urbano.

Para tanto, esta pesquisa utiliza fontes orais em sua construção. Adota-se, nesse processo, a metodologia da História Oral, entendida como uma prática de apreensão de narrativas que se utiliza de recursos eletrônicos para recolher testemunhos, analisar processos sociais e identificar como os sujeitos interpretam sua realidade com base nas experiências do passado (Meihy; Holanda, 2015). Na seleção dos entrevistados, o objetivo foi compreender como trajetórias distintas se aproximavam ou se distanciavam da imagem de cidade difundida pelos programas de rádio. Estabeleceu-se, inicialmente, que todos deveriam ter sido ouvintes

de rádio no período de 1980 a 2000, garantindo que tivessem contato com a mesma programação radiofônica e, conseqüentemente, com um repertório comum de referências.

Além desse ponto em comum, buscou-se reunir trajetórias distintas para ampliar as possibilidades de análise. Um dos participantes, além de ouvinte, atuou profissionalmente nas rádios picoenses, oferecendo uma perspectiva interna sobre a produção da programação. Outro conheceu Picos apenas após o ano 2000, permitindo comparar a expectativa construída pelo rádio com a sua experiência concreta na cidade. Também foi incluído um entrevistado que migrava sazonalmente para a cidade, representando as vivências marcadas pela transitoriedade, e outro que, não sendo natural de Picos, mudou-se para trabalhar e fixou residência, consolidando vínculos permanentes com o espaço urbano. Todos relataram ter como principal referência de programação a Rádio Difusora de Picos, razão pela qual foi selecionada como foco da pesquisa.

A instalação das rádios em Picos: importância e disputas políticas

O rádio chegou ao Brasil em 1922, no Rio de Janeiro, durante o centenário da Independência. Na ocasião, o primeiro discurso transmitido foi o do então presidente Epitácio Pessoa. Desde o início, o veículo esteve vinculado à necessidade da elite brasileira de projetar uma imagem de país moderno e alinhado ao progresso, além de ser percebido como um instrumento de transformação social. Nesse contexto, tinha duas funções.

De um lado, apresentou a pretensa pujança nacional e, de outro, serviu de mostruário ao progresso vindo do exterior. [...] Parcela da elite desperta para as potencialidades do rádio. Ao contrário do que vai ocorrer a partir da década de 1930, estes pioneiros fazem isto, em um primeiro momento, sem interesses preponderantemente econômicos ou políticos. As irradiações têm pretensão educativo-cultural, incluindo, além de música gravada e ao vivo, até mesmo palestras de cunho científico. Indo ao encontro de valores burgueses, expressões musicais mais populares como o samba encontram resistência para serem veiculadas (Ferraretto, 2014, p. 12).

Nesse sentido, cabia aos ouvintes assimilar produções artísticas e científicas alinhadas aos padrões europeus e norte-americanos. Para que isso fosse possível, as próprias manifestações culturais brasileiras eram frequentemente cerceadas, de modo a impedir que ganhassem popularidade e alcançassem grande projeção. Dessa forma, evidenciava-se o poder dos meios de comunicação de massa como instrumentos de controle. Além disso, vale destacar que a programação radiofônica não se restringia ao conteúdo musical. Com o passar do tempo, os programas ganharam maior relevância, sobretudo quando passaram a incorporar o jornalismo, ampliando ainda mais sua influência sobre a sociedade.

Em 1941 entra no ar o “Repórter Esso”. O contexto histórico que envolveu a criação do jornal falado no Brasil diz respeito a necessidade de um setor informativo no rádio, no período da Segunda Guerra Mundial. Irradiado pela Rádio Nacional do Rio de Janeiro, o “Repórter Esso” foi considerado Testemunha ocular da história, slogan que se referia à importância do programa, diante da transmissão de notícias. Constituiu-se num programa de caráter informativo e noticioso, em nível nacional, que passava a ser a verdade, para a população brasileira, conquistando vários ouvintes e levando os acontecimentos do Brasil e do mundo através das ondas do rádio (Lima, 2007, p. 51).

Logo, o rádio foi se fixando, para aqueles que o acessavam, como fonte confiável de informação. No Piauí, a primeira emissora de rádio foi inaugurada em 1930, a Rádio Educadora de Parnaíba, que produzia programas de cunho jornalístico e cultural. De acordo com Aquino (2013), a rádio possuía estreita ligação com a prefeitura do município, por meio da qual o prefeito anunciava os trabalhos que vinha desenvolvendo para a população. Por isso, a conjuntura política local sentiu-se incomodada, e a rádio acabou sendo fechada. Em Picos, a implantação da primeira rádio ocorreria apenas quase na década de 1980.

Para Nascimento (2006), o cotidiano dos meios de comunicação de massa está constantemente ligado às questões políticas do país. É por esse motivo que, em Picos, ocorre uma grande disputa em torno da audiência do rádio. Segundo Sousa e Lima (2018), em 1979 foram instalados os transmissores da Difusora AM de Picos, implantada por seu idealizador, Helvídio Nunes de Barros, que, na época, era senador da República pelo Piauí e filiado ao partido ARENA. De acordo com Aquino (2013), antes da chegada da primeira rádio em Picos, assim como nas grandes cidades do país, havia apenas as amplificadoras: alto-falantes distribuídos pela cidade, que serviam como referência de comunicação local.

A rádio ficou marcada pela vinheta “Difusora: não há distância que nos separe”. Ela foi um marco para a comunicação de Picos e da macrorregião, como é possível perceber na entrevista concedida por Bento Ribeiro da Costa. Durante sua adolescência, o entrevistado residia no interior do município de Conceição do Canindé, que fica a 112 km de Picos. Ele vivia do trabalho na roça e mudou-se para Picos na década de 1980 para trabalhar. Tinha o rádio como principal meio de comunicação e ouvia, diariamente, a programação das rádios picoenses.

Nos meus quatorze, quinze anos, por aí assim, já comecei a sintonizar rádio, né!? Naquela época quais rádios a gente sintonizava? Sociedade Da Bahia, é, Rural de Petrolina, sempre a gente sintonizava. A pioneira de Teresina, Difusora de Teresina, essas assim, né!? Depois de muito tempo foi que surgiu aqui a Difusora de Picos que a gente também sintonizava. Era aquelas

rádios, era Rede Nacional do Rio, as de São Paulo. Era essas difusoras que a gente conseguia, Cajazeiras da Paraíba, Educadora do Crato, essas coisas assim. Rádio AM que conseguia penetrar no interior nosso (Bento Ribeiro da Costa, 2024).

Nota-se, a partir de seu relato, que a programação ouvida até o período em que a Difusora AM foi fundada era, sobretudo, de rádios localizadas em outros estados do Brasil. Com a fundação da emissora picoense, ela passou a integrar o catálogo de programação do ouvinte, mostrando que o alcance da rádio ultrapassava os limites do município de Picos. Conforme Sousa e Lima (2018), a primeira rádio picoense tinha o objetivo de levar aos ouvintes uma programação variada e pretendia reservar um horário para um programa destinado ao homem da zona rural, à época carente de meios de comunicação, informação e transporte. Assim, surgiu o programa *Correspondente do Interior*, que, com mais de trinta anos de história, exerce serviços de utilidade pública ao atender aos interesses dos ouvintes.

Odorico Carvalho (músico, compositor, apresentador e ex-radialista picoense), em entrevista concedida para este trabalho, falou sobre a audiência do programa. O entrevistado participou da primeira equipe que compôs a Rádio Difusora de Picos, convidado por Helvídio Nunes de Barros. Além dele, José Nunes de Barros (ex-prefeito de Picos), Padre Alfredo Shäffler, Gracinha Granja e Remédios Maia auxiliaram na consolidação do projeto iniciado por Helvídio. Na década de 1980, esteve afastado dos trabalhos no rádio, pois foi morar em Pernambuco, mas manteve-se ativo na audiência.

A Rádio Difusora de Picos, então, tinha um programa lá, o *Correspondente do Interior*, que no horário, acho que era meio-dia, não tinha pra ninguém, era o interior todo ligado. ‘Cê’ passava no interior era o eco, todo mundo ouvindo. Porque era ali que as pessoas daqui que moravam em São Paulo, Brasília, ligavam pra mandar notícia. Ou alguém no interior que tá aqui, que veio de uma cidade vizinha, botava o aviso pra vir pegar aqui, aquelas coisas todas, né!? Até gente anunciando que o jumento dele perdeu, sumiu, queria saber onde era [risos], esse tipo de coisa, tinha umas coisas muito engraçadas (Odorico Carvalho, 2024).

O programa fazia anúncios de festas, convites de missa, emitia notas de falecimento e, acima de tudo, transmitia recados. Desde a chegada da Rádio Difusora ao município, o programa produzia um serviço de utilidade pública, principalmente entre as décadas de 1970 e 2000, pois a internet e o celular ainda eram uma realidade distante para a maior parte de Picos e da macrorregião. É possível identificar, acima, na fala do entrevistado, que ele atribui a maior audiência do programa aos moradores do interior, mas sua utilização não estava restrita às regiões interioranas, como é possível perceber na fala de Bento Ribeiro.

Teve um tempo aqui que a Rádio Difusora ela tinha uma programação de avisos, né!? O pessoal que vinha dos interior pra fazer tratamento, fazer alguma coisa aqui em Picos, aí naquele tempo não tinha celular ainda. A comunicação era através do rádio. Aí o pessoal ia lá no rádio e botava o aviso. Eu sintonizava muito para saber quem era as pessoas que tava passando ali, nas regiões. Aquilo era uma expectativa grande, né!? Quando eu vim morar aqui em Picos que eu vinha, já aconteceu de vir aqui com pessoas para fazer, passar pelo médico aqui em Picos, aí eu tinha aquele costume de ir na rádio passar um aviso. O pessoal já ficava na expectativa de ouvir, né[risos], esperar aquele horário para ouvir (Bento Ribeiro da Costa, 2024).

O que se percebe é que, como o acesso a jornais e revistas era menor no campo, e como inexistiam outros meios de comunicação, o rádio acabava sendo prevalente nesses locais. Isso colaborou para a audiência dos programas de rádio, como mostra a entrevista concedida por Miguel Artur da Silva. Devido à migração sazonal, o entrevistado mantinha contato com Picos, onde realizava alguns trabalhos. No entanto, mantinha residência fixa na cidade de Patos do Piauí, para onde retornava no período de chuvas para realizar o plantio e a colheita dos alimentos que seriam consumidos durante o período de seca. Foi perguntado ao entrevistado se ele fazia uso de outros veículos de comunicação, como a televisão, e ele relatou que só ouvia os programas de rádio, pois a televisão não era um bem acessível.

A televisão não conseguiu tomar o espaço do rádio porque o rádio ele atendia toda a macrorregião de Picos e na cidade era pouco pessoal que tinha televisão. Televisão era aparelho de rico, os pobres não tinham acesso nessa época ainda. Quando alguém comprava um aparelho era aquela coisa, juntava um ‘mói’ de gente pra ir ver (Miguel Artur da Silva, 2023).

Em sua fala, é possível notar que, até mesmo na cidade, o rádio era muito utilizado, pois outros meios de comunicação, como a televisão, não eram acessíveis a todos os cidadãos. Outro motivo que colaborava para a força do rádio era a falta de energia elétrica na macrorregião de Picos. Em concomitância, a importância da utilização do veículo também é percebida na entrevista de Cleidiane Alves da Silva. Ela relembra que, na sua adolescência, antes de mudar-se para Picos, residia no interior do município de Pimenteiras, quando começou a ouvir os programas das rádios picoenses.

Todo dia tinha que ouvir era ‘O Correspondente do Interior’, meio-dia. Porque como eu comentei contigo, já tinha as pilhas ali contadas pra assistir, pra o mês, se não desse pra o mês tinha que comprar que era pra repor, pra todo dia meio-dia saber as notícias da região e da macrorregião. Eles traziam notícias da cidade de Picos, de outras regiões próximas, as vezes anunciavam também acidentes, mortes, é, se alguém da cidade vizinha ou do interior iria pra sua cidade como não tinha outro meio de comunicação a pessoa mandava uma carta avisando, né!? Dizendo pra eles lerem e dizerem ‘aviso

para os meus pais que irei viajar para minha cidade dia tal, tal hora, que ele vá me esperar' (Cleidiane Alves da Silva, 2024).

Nesta pesquisa, percebeu-se que o programa *O Correspondente do Interior* é um elemento marcante na memória dos entrevistados, sendo citado por todos eles em algum momento das entrevistas. Outrossim, como evidencia o relato acima, diante da precariedade do fornecimento de energia elétrica, as pessoas se organizavam previamente para garantir o funcionamento do rádio, com o intuito de se manterem informadas sobre os acontecimentos em Picos e nos municípios vizinhos.

Depois da Rádio Difusora de Picos, em julho de 1985, foi oficialmente inaugurada a Rádio Grande Picos AM, na frequência de 850 KHz. A rádio possuía os mesmos apresentadores da Rádio Difusora; modificavam-se apenas os nomes dos programas e os estilos musicais. Enquanto a grade da Difusora trazia mais sertanejo e jovem guarda, a sua concorrente focava no brega, que era apreciado pelos jovens da época. De acordo com Aquino (2013), a partir de entrevistas concedidas pelos locutores das rádios, a rádio mais antiga sempre teve mais audiência: o público picoense sempre optava pela primeira emissora da cidade.

É válido questionar os motivos pelos quais o mesmo grupo de comunicação possuía duas rádios AM no mesmo município. Ao entrevistar Carluis Barros, filho de Helvídio Nunes de Barros, Aquino (2013) questionou a existência das duas rádios. Ele respondeu que havia a possibilidade de mais um canal AM para Picos e, por questões políticas, era mais interessante que este ficasse sob a supervisão da família Helvídio Nunes, pois, se não fosse administrado por eles, seria administrado por outro grupo político.

Nesse contexto de disputa política, foi fundada a Rádio Cidade Modelo LTDA, chamada FM Cidade Modelo, inaugurada oficialmente em janeiro de 1989. "A rádio foi fundada pela família Barros Araújo, que nas décadas de 1980, 1990 e 2000 protagonizou politicamente a cena municipal e regional em Picos" (Coutinho, 2021, p. 74). A primeira equipe que compôs a rádio fazia parte da grade de locutores da Grande Picos AM, que, ao serem convidados, migraram para a rádio nova. De acordo com Aquino (2013), a FM Cidade Modelo acabou conquistando o público ouvinte da Rádio Difusora. Por isso, em abril de 1993, foi oficialmente ao ar a Rádio Grande Picos FM, a terceira emissora do Sistema de Comunicação de Picos (SCP), fundada pelo Grupo Helvídio Nunes de Barros.

As rádios FM possuem uma qualidade de áudio melhor, enquanto as AM possuem maior alcance; por isso, a FM Cidade Modelo acabou conquistando muitos ouvintes. Compreende-se que a fundação da nova emissora de rádio pela família Helvídio Nunes

buscava recuperar a hegemonia que havia sido perdida com a inauguração de outra rádio. Assim, percebe-se que a manutenção das rádios de Picos-PI estava diretamente vinculada à política, e os ouvintes eram objeto de disputa entre as famílias que controlavam o poder político e econômico do município. Essa questão incidia diretamente na forma como a programação era produzida e no conteúdo que era transmitido. Ou seja, se a cidade era citada através da programação, é possível concluir que essa menção ocorria mediada pelas perspectivas dos sujeitos ligados às rádios.

A Rádio Difusora de Picos e o cotidiano picoense: memórias dos ouvintes

O rádio pode ser utilizado para manipular a opinião pública. Esse recurso foi empregado muitas vezes ao longo da história, inclusive durante a Ditadura Militar no Brasil (Nascimento, 2006), período em que a primeira rádio de Picos foi inaugurada. Por isso, entende-se que os centros urbanos também podem ser representados de forma positiva ou negativa pelos grupos que controlam o rádio, com o objetivo de produzir determinadas percepções sobre as cidades e sobre os sujeitos que as administram. Assim, as memórias construídas sobre as urbes são um elemento de suma importância para compreender as relações de poder que mediam aquilo que é difundido e lembrado sobre os espaços urbanos.

Com frequência, a transformação do espaço foi de tal ordem, a modernidade implantada tão avassaladora que apagou do espaço materialidades e sociabilidades do passado. E, como de praxe, o objeto da atenção do historiador passa por fora da experiência do vivido, nessa tarefa de resgate das representações da cidade passada que se produz por uma reconfiguração temporal [...] construído pela força do imaginário, que é capaz de dar a ver e ler a temporalidade transcorrida (Pesavento, 2007, p. 16).

Os meios de comunicação integram-se ao cotidiano das pessoas por meio de imagens e sons que buscam, entre outras coisas, narrar o cotidiano das cidades. Por meio deles, “as pessoas se informam e conhecem a cidade, os feitos de seus cidadãos, os costumes, as tradições, a história, os conflitos, enfim” (Feitosa; Costa, 2019, p. 05). Enquanto a imprensa atua predominantemente pela visão, o rádio se constrói na esfera da audição, mobilizando emoções e sensações capazes de reforçar determinadas narrativas. Desse modo, esses meios assumem um papel importante na formação de memórias sobre os espaços citadinos.

Nas lembranças mais próximas, aquelas de que guardamos recordações pessoais, os pontos de referência geralmente apresentados nas discussões são [...] de ordem sensorial: o barulho, os cheiros, as cores. Em relação ao desembarque da Normandia e à libertação da França, os habitantes de Caen ou de Saint-Lô, situadas no centro das batalhas, não atribuem um lugar

central em suas recordações à data do acontecimento [...] e sim aos roncões dos aviões, explosões, barulho de vidros quebrados, gritos de terror, choro de crianças. Assim também com os cheiros: dos explosivos, de enxofre, de fósforo, de poeira ou de queimado, registrados com precisão (Pollak, 1989, p. 09).

Ou seja, as músicas, as vozes dos locutores, as transmissões de eventos e até mesmo os ruídos do cotidiano narrados pelo rádio criam um repertório sensorial que contribui para a maneira como a cidade é lembrada e significada por seus habitantes. Em concomitância, conforme McQuail (2012), os meios de comunicação também podem ser usados para fins individuais, privados ou organizacionais. Os mesmos veículos que veiculam mensagens públicas para grandes públicos, para fins coletivos, podem transportar notícias pessoais, mensagens advogando causas, apelos de caridade, anúncios de emprego ou de casas vagas, entre muitos outros tipos de informação e de cultura. O programa *Correspondente do Interior*, citado por todos os entrevistados, é um exemplo disso.

Miguel Artur da Silva, entrevistado nesta pesquisa, relatou que os programas da Rádio Difusora que mais acompanhava eram os jornalísticos e o *Correspondente do Interior*. O entrevistado integra o grupo de sujeitos identificados por Carvalho (2015) que, a partir da década de 1970, migrou para Picos em busca de melhores condições de ensino. Após concluir os estudos, Miguel ingressou na área da saúde, onde atua até os dias atuais. Tal trajetória ajuda a compreender o interesse pelos programas radiofônicos voltados para notícias e informações que, segundo ele, permanecem vivos em suas memórias. O entrevistado, inclusive, elenca os principais temas abordados nos jornais que costumava ouvir.

As notícias principais eram as comerciais e criminais. Falava também dos políticos, mas na época os políticos principais eram o finado Helvídio Nunes, era o, os Torres, em geral, os Nunes que eram os chefão de Picos mesmo. Os comerciais eram comerciais curtos, suportáveis. Eles falavam mais era sobre promoção, sobre o preço de mercadoria, onde mais encontrava mercadoria mais barata. As promoção que tinha na época, que eram chamadas antigamente de “queima”, hoje chama “promoção”, mas no passado era os “queima”. Inclusive, tinha vários programas de saneamento básico na cidade, porque tava crescendo, então tinha pra ajudar no desenvolvimento. Eles também falavam sobre isso nos jornais (Miguel Artur da Silva, 2023).

De imediato, o primeiro ponto que chama atenção na fala do entrevistado diz respeito à memória construída a partir do conteúdo político veiculado nos jornais da Rádio Difusora. Na lembrança de Miguel Artur, a “família Nunes” abrigava os políticos mais influentes do município, sendo Helvídio Nunes a figura de maior destaque. É importante notar que, nas décadas de 1980 e 1990, outras famílias disputavam o poder político em Picos, mas é a

“Nunes” que permanece viva na memória do entrevistado. Tendo em vista que Helvídio Nunes esteve diretamente envolvido na implantação das primeiras rádios picoenses, percebe-se como o poder político se articulava ao controle dos meios de comunicação, que eram utilizados como meio para conseguir prestígio.

Lima (2018) corrobora essa análise ao afirmar que Helvídio Nunes permanece na memória picoense como o principal responsável por viabilizar programas radiofônicos que retratavam a realidade socioeconômica, social e política da macrorregião. Aquino (2013) complementa essa perspectiva ao afirmar que a implantação das rádios em Picos foi permeada por intensas disputas políticas, nas quais Helvídio Nunes se destacou e utilizou a chegada da emissora como estratégia para ampliar sua influência. Isso ajuda a explicar sua permanência na memória do entrevistado.

Outrossim, os aspectos comerciais destacados na entrevista revelam um cotidiano urbano em transformação. As propagandas sobre “queimas”, como eram chamadas as promoções, e as informações sobre onde encontrar mercadorias mais baratas apontam para um período de crescimento e concorrência do comércio local. Do mesmo modo, as notícias sobre programas de saneamento básico foram interpretadas como iniciativas voltadas à melhoria das condições de vida na cidade, que, segundo se depreende da fala do entrevistado, passava por um processo de crescimento.

Contudo, como explica Sousa (2021), nas décadas de 1980 e 1990, todo o espaço urbano picoense era marcado pela ausência de saneamento básico. Os problemas persistiam, sobretudo, devido à ineficiência do poder público municipal, que deveria adotar medidas para solucioná-los. No entanto, na memória do entrevistado, não é perceptível uma associação direta entre as moléstias e a gestão municipal, apenas a ideia de que os governantes vinham adotando ações para contê-las.

Em continuidade, o entrevistado Odorico Carvalho também teceu comentários sobre as questões políticas envoltas no rádio. Além de ser ouvinte dos programas e ter participado da primeira equipe que compôs a Rádio Difusora, ele destacou-se em trabalhos produzidos na rádio Grande FM. É necessário perceber que, ao se referir à população por meio das ondas do rádio, os profissionais não agem com neutralidade, mas com base em princípios, valores e crenças do meio no qual estão inseridos. O entrevistado reconhece essa relação e discute como isso ocorreu dentro da sua passagem pelas rádios nas quais atuou.

A gente sabe que nenhum jornal é isento de ideologias, né? Todo jornal traz a ideologia da, de quem manda. Embora eu tenha tido muita sorte onde eu trabalhei, nos jornais, nas rádios e na TV. E também, lá, Doutor Helvídio e

Doutor Zé Nunes nunca chegaram pra mim e falaram “diga isso, não diga aquilo”, agora eu não vou tá lá trabalhando com eles e descendo a lenha neles, né!? Falando [risos], falando mal. Até porque eles me trataram sempre tão bem que era impossível de ter uma desavença nessa área, né? (Odorico carvalho, 2024).

Ele estabelece uma discussão muito importante ao abordar a questão da ideologia e sua relação com os meios de comunicação. Reconhece sua responsabilidade profissional como jornalista e observa que sua forma de atuação era influenciada pelas relações pessoais que mantinha com os proprietários dos veículos para os quais trabalhava. No âmbito das relações trabalhistas, esse tipo de postura pode funcionar como uma estratégia de resguardo por parte dos trabalhadores, mas acaba influenciando a forma como o público percebe os proprietários dos veículos de comunicação.

Apesar das menções ao setor político, são as propagandas do comércio picoense que se destacam como elementos recorrentes na memória de todos os entrevistados. Conforme observam Sousa e Lima (2018), os anúncios veiculados pela Rádio Difusora auxiliavam os ouvintes a localizar produtos e serviços na cidade de Picos, uma vez que o comércio local ocupava grande parte da programação. Isso também está presente nas lembranças de Bento Ribeiro, que costumava ouvir a Rádio Difusora de Picos durante suas jornadas de trabalho na cidade de Picos.

As rádios sempre tiveram patrocinador, sempre. Inclusive, tinha uns programas aí que era mais completo com comercial que com músicas, mas é assim mesmo, faz parte, porque a rádio funciona através da contribuição do comércio, né!? Se não fosse também, ela não tinha como funcionar. O pessoal que trabalhava, muitos no rádio, se ganhava era um salário. As vezes nem um salário, trabalhava no rádio só pelos comerciais, que era quem mantinha eles (Bento Ribeiro da Costa, 2024).

A fala do entrevistado acima revela a expressiva participação do comércio nos programas de rádio, pois, segundo ele, era esse setor que ajudava a manter as emissoras funcionando, já que muitas não dispunham dos recursos necessários para se sustentar. Vale destacar que os programas podem evitar tratar de certos problemas da cidade por diferentes razões, entre elas o receio de abordar temas sensíveis para patrocinadores e autoridades locais. Ao mesmo tempo, o fato de o comércio ser uma presença constante na memória dos entrevistados mostra a associação entre esses meios de comunicação e o espaço urbano picoense, que foi se consolidando como local de acesso a bens e serviços.

Como ocorre com outros veículos de comunicação, os programas de rádio também promovem a cidade ao divulgarem o comércio local, de forma a torná-lo competitivo em

relação aos estabelecimentos das cidades vizinhas, incentivando o consumo nos locais anunciados. As ondas radiofônicas funcionavam como pontes de comunicação entre os cidadãos e entre o campo e a cidade e, por esse meio, a propaganda estimulava o crescimento do comércio. Ao mesmo tempo, a própria dinâmica comercial, marcada por constantes transformações, também produzia representações sobre o espaço urbano. Nesse processo, os setores comerciais do centro de Picos vão se consolidando como elementos indicadores do crescimento da cidade, como é possível ver abaixo.

Tinha sempre propaganda, mas assim, pra mim recordar quais eram as lojas é mais difícil, mas sempre teve. Lojas de tecidos, lojas de calçado. Sempre que a cidade ia crescendo e novas lojas sendo inauguradas, eles anunciavam. Eu não me lembro se era nessa época que já tinha as lojas do Paraíba, mas acho que sim, que é uma loja do qual me lembro que sempre tinha anúncio (Cleidiane Alves da Silva, 2024).

Através da fala, é possível perceber como as propagandas sobre o comércio e as percepções construídas sobre a cidade se articulam: a entrevistada sugere que o crescimento urbano de Picos estava associado à dinâmica do setor comercial, evidenciando que a inauguração de novas lojas era percebida como sinal da expansão cidadina. Essa percepção não se restringe à vivência individual, mas se inscreve em uma lógica de construção simbólica do espaço urbano que é mediada pela comunicação. Assim, os anúncios da Rádio Difusora de Picos não apenas informavam sobre a chegada de novos empreendimentos, mas também ajudavam a consolidar uma imagem de cidade em transformação e desenvolvimento.

É perceptível que, na memória dos entrevistados, há uma prevalência das propagandas relacionadas ao setor comercial picoense. Essas lembranças não são meramente individuais; fazem parte da memória coletiva, que é o conjunto de recordações compartilhadas por um grupo social (Pollak, 1989). No entanto, essas memórias também revelam esquecimentos e ausências, pois, à medida que o setor comercial vai se consolidando como um marco característico da urbe, vão sendo silenciadas as desigualdades sociais presentes na cidade. Porém, por meio das lembranças sobre os anúncios, também se revelam os problemas socioeconômicos enfrentados pelos cidadãos, como é possível ver a seguir.

Picos sempre foi o lugar do comércio, né? A gente chegava ali no Centro e encontrava de tudo. Ainda hoje encontra, aí os comerciais dos programas mostravam esses pontos de venda. Agora assim, anunciava no rádio quem tinha dinheiro. Era mais essas lojas grandes e a gente nem tinha dinheiro pra comprar as coisas, até material escolar antes, pra estudar, a gente tinha que vir trabalhar na roça pros outros, pra fazer o dinheiro e levar pra lá pra comprar (Miguel Artur da Silva, 2023).

O relato evoca diversas camadas da experiência urbana em Picos. Em primeiro lugar, destaca-se a centralidade do Centro da cidade como polo comercial e espaço simbólico de referência. A lembrança da variedade de produtos e da vitalidade econômica ali concentrada revela como esse espaço permanece vivo na memória. Isso não surpreende, pois “o centro foi, por muito tempo, o cartão de visitas de uma cidade. Mesmo que tais espaços tenham sofrido degradação, deixaram marcas que funcionam como padrões de referência identitária para uma cidade” (Pesavento, 2008, p. 04). Por isso, o Centro de Picos permanece como um marco identitário, não apenas por reunir grande número de estabelecimentos comerciais e órgãos públicos, mas também por ser cenário de inúmeras vivências e desejos de moradores da cidade e da macrorregião.

Ao mesmo tempo, porém, a fala revela outro lado da cidade: uma realidade marcada pela exclusão social. Embora o setor comercial apareça como sinal de desenvolvimento, ele também expõe as desigualdades históricas no acesso ao consumo. Os anúncios veiculados no rádio, restritos aos comerciantes com poder econômico, funcionavam como vitrines de um mundo ao qual parte da população não podia pertencer. Como destaca Miguel, os sonhos de consumo promovidos pelas propagandas contrastavam com a dura realidade de muitos moradores, que, como ele, precisavam trabalhar desde cedo para adquirir bens básicos. O relato seguinte reitera como isso ocorria.

Quando se ouvia essas propagandas de loja dizendo quais eram os itens que oferecia, muitas coisas eu não tinha nem noção do que se tratava, mas quando falava de loja de departamento de roupa, de brinquedo, era quando meu olho brilhava, eu ficava mais atenta [risos]. Eu pensava ‘nossa, tem roupa tal, tem brinquedo tal’, que era tudo que uma criança de interior almeja ter, né? Que era o meu caso, eu não tinha por que não tinha condições de comprar. E eu achava que a cidade era o máximo, era como se fosse, hoje em dia, a Capital, onde tudo que você quisesse e buscasse iria ter, tudo de mais moderno. Como eu morava no interior, não tinha energia, aqui tinha, tinha carros, tinha loja, tinha lugar pra você sair (Cleidiane Alves da Silva, 2023).

Como mostra a fala da entrevistada, as propagandas voltadas ao setor comercial faziam com que a cidade fosse percebida como um lugar moderno, dotado de infraestrutura e repleto de possibilidades. Através da rádio, destacavam-se os diversos estabelecimentos tidos como capazes de atender às demandas da população local e das áreas circunvizinhas. Assim, para muitos ouvintes, especialmente aqueles que viviam em povoados e comunidades rurais, a cidade se apresentava como o oposto de sua realidade: enquanto lhes faltavam bens de consumo e serviços básicos, o espaço urbano surgia como o território do acesso, da

abundância e da novidade. Desse modo, as propagandas ativavam a imaginação dos receptores, principalmente das crianças, e, ao mesmo tempo, influenciavam práticas de consumo.

No entanto, muitos dos que ouviam os anúncios e sonhavam com os produtos oferecidos não tinham condições de adquiri-los. Percebe-se, nesse contexto, a presença de um processo de exclusão social que, conforme define Guerra (2012, p. 92), “designa não só a degradação do mercado de emprego e a decadência/regressão das solidariedades sociocomunitárias, mas sobretudo a sobrevivência (im)possível de uma população localizada à margem do progresso econômico e da partilha dos benefícios daí resultantes.” Ou seja, os relatos evidenciam que, mesmo inseridos no espaço urbano, muitos sujeitos permaneciam à margem dos benefícios associados ao desenvolvimento da cidade.

Além do comércio, outro aspecto frequentemente lembrado pelos entrevistados são os eventos religiosos. Segundo Santos (2017), Picos é uma cidade tradicional e fortemente marcada pela religiosidade. As transformações ocorridas a partir da década de 1970, como a construção da Rodovia Transamazônica e a chegada das Indústrias Coelho à região, impulsionaram o crescimento da cidade, mas não apagaram os costumes enraizados na cultura local. Um dos elementos que permanecem vivos na memória dos moradores é a presença constante das práticas religiosas, especialmente as ligadas à Igreja Católica, frequentemente anunciadas nos programas de rádio, como podemos ver a seguir.

As coisas de igreja comumente eles anunciavam, quando ia ter missa, “vai ter missa”, “vai ter comemoração do Sagrado Coração de Jesus”, “comemoração de Nossa Senhora dos Remédios”. Sempre avisava quando tinha missa, quando tinha também visita de sétimo dia, era isso que eles falavam (Cleidiane Alves da Silva, 2024).

As menções aos anúncios de eventos religiosos, como os citados acima, revelam o papel do rádio na manutenção e difusão dos costumes católicos entre a população de Picos e das localidades vizinhas. A rádio atuava como elo entre a Igreja e a comunidade, reforçando valores, práticas e tradições que constituem parte significativa da identidade cultural e religiosa local. Além dos informes pontuais, a programação radiofônica incluía também conteúdos religiosos mais estruturados, como os programas voltados à evangelização. Ou seja, a rádio não se limitava à função informativa, mas assumia também um papel formador ao transmitir os preceitos do catolicismo e oferecer espaço para mensagens religiosas, orações e reflexões.

Picos sempre teve muito evento de igreja, alí no Centro mesmo tem aquela igrejon. No rádio também tinha, sempre teve missa dominical e tinha um programazinho que parece que era de uma e meia a duas da tarde, também da igreja. “Igreja Peregrina” o nome, se não me engano. E quando tinha evento de igreja eles sempre anunciava. Mesmo quando não tinha mais programa da igreja, os avisos tinha (Miguel Artur da Silva, 2024).

A igreja à qual o entrevistado se refere é a Catedral Nossa Senhora dos Remédios, localizada no Centro da cidade. O programa citado, em consonância com Sousa e Lima (2018), era chamado *Igreja Peregrina* e ia ao ar das onze e trinta ao meio-dia, sob a responsabilidade da Diocese de Picos. A lembrança desse programa indica que a rádio funcionava como uma extensão da vida religiosa da cidade, permitindo que os rituais e valores do catolicismo alcançassem também as populações das áreas rurais de Picos e da macrorregião. Isso revela que Picos, mesmo em expansão, marcada por processos de modernização, ainda estava profundamente enraizada em valores religiosos. Por esse motivo, assim como o comércio, a Igreja Católica se tornou uma característica da urbe.

Nesse sentido, observa-se que o foco dado a determinados conteúdos nos programas da Rádio Difusora de Picos influenciava diretamente a forma como os sujeitos passaram a perceber o espaço urbano picoense. Percebe-se que os elementos que predominam nos relatos dos entrevistados estão fortemente vinculados aos setores político, comercial e religioso. No entanto, chama atenção a ausência de menções a problemas urbanos. Isso sugere que a programação da rádio operava também por meio de exclusões, evitando temas que pudessem comprometer a imagem de certos grupos, especialmente os políticos locais, vinculados à própria direção da emissora. Assim, o conteúdo radiofônico não apenas informava ou entreteinha, mas também filtrava e condicionava o que seria lembrado sobre a cidade.

Considerações finais

Diante do exposto, é possível compreender que a Rádio Difusora de Picos exerceu um papel central na construção das memórias sobre a cidade. Ao privilegiar conteúdos voltados para os setores político, comercial e religioso, a emissora contribuiu para consolidar uma imagem de cidade atrelada à política, ao comércio e ao catolicismo. Ao mesmo tempo, omitiu questões estruturais e problemáticas que também compunham o cotidiano urbano. Esse processo seletivo revela como o rádio influenciou diretamente a forma como os moradores de Picos e da macrorregião lembram e significam o espaço urbano.

Além disso, a análise das entrevistas evidencia como o rádio funcionava como uma ponte entre o campo e a cidade, entre a informação e a construção do imaginário, tornando-se

um veículo fundamental na formação de vínculos com o espaço urbano. A centralidade do rádio nas lembranças dos entrevistados mostra que sua influência vai além da simples transmissão de conteúdos: ele produziu sentidos sobre o que era viver em Picos e fazer parte daquela comunidade urbana. Portanto, estudar a memória radiofônica é também estudar os modos como a cidade foi narrada, celebrada e, muitas vezes, silenciada.

Fontes

CARVALHO, Odorico Leal. **Entrevista concedida a Graziela Reis da Silva**. Picos-PI, 08 de janeiro de 2024.

DA COSTA, Bento Ribeiro. **Entrevista concedida a Graziela Reis da Silva**. Picos-PI, 20 de janeiro de 2024.

DA SILVA, Cleidiane Alves. **Entrevista concedida a Graziela Reis da Silva**. Picos-PI, 23 de dezembro de 2023.

DA SILVA, Miguel Artur. **Entrevista concedida a Graziela Reis da Silva**. Picos-PI, 23 de dezembro de 2023.

PANORAMA: Picos. **IBGE**, 2022. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pi/picos/panorama>>. Acesso em: 10 dez. 2023.

Referências

AQUINO, Leonardo Roberto de. **A história do rádio na cidade de Picos: memória e comunicação de um povo (1979-1993)**. 2013. 58 p. Monografia (Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, Picos, 2013.

CARVALHO, Mara Gonçalves de. **Picos: história, desenvolvimento e transformação do centro histórico**. Dissertação de Mestrado em História do Brasil. 2015. Programa de pós-graduação em História do Brasil, Teresina-PI, 2015.

COUTINHO, Vinícius da Silva. Os impactos da pandemia no radiojornalismo da Cidade Modelo FM. *In*: SOUSA, Evandro Alberto de; BERTI, Orlando Maurício de Carvalho (org.). **Radiojornalismo e pandemia no sertão do Piauí**. 1. ed. Teresina: EdUESPI, 2021, p.72-90.

FEITOSA, Sammara Jericó Alves; COSTA, Arabela Elisa Martins Eulálio Neves. A Memória da Cidade dos Sonhos: a Produção Memorial do Jornal Diário do Povo do Piauí sobre Teresina. *In*: XXI Congresso de Ciências da Comunicação da Região Nordeste, 2019, São Luís do Maranhão. **Anais do evento**, São Luís do Maranhão: INTERCOM, 2019. p. 01-15.

FERRARETTO, Luiz Artur. De 1919 a 1923, os primeiros momentos do rádio no Brasil. **Revista Brasileira de História da Mídia**, v. 3, n. 1, 2014.

GUERRA, Paula. Da exclusão social à inclusão social: eixos de uma mudança paradigmática. **Revista Angolana de Sociologia**, n. 10, p. 91-110, 2012.

LIMA, Nilsângela Cardoso. **Invisíveis asas das ondas ZYQ-3: sociabilidade, cultura e cotidiano em Teresina (1948-1962)**. Dissertação de Mestrado em História do Brasil. 2007.

Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Piauí, Teresina-PI, 2007.

MCQUAIL, Denis. **Teorias da comunicação de massa**. 6. ed. Porto Alegre: Penso, 2012.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom.; HOLANDA, Fabíola. **História Oral: como fazer e como pensar**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do. A censura e o rádio no Piauí. *In*: NASCIMENTO, Francisco Alcides do; SANTIAGO JR. F. C. Fernandes(org.). **Encruzilhadas da História: rádio e memória**. 1. ed. Recife: Bagaço, 2006. p. 23-58.

PESAVENTO, Sandra J.; VISÍVEIS, Cidades. cidades sensíveis, cidades imaginárias. **Revista Brasileira de História**, v. 27, n. 53, 2007.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História, memória e centralidade urbana. **Revista Mosaico-Revista de História**, v. 1, n. 1, p. 3-12, 2008.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Revista estudos históricos**, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista estudos históricos**, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

SANTOS, Edna Maria Rocha. **Memória e modernização: os acontecimentos sociais e econômicos que influenciaram Picos na época da Ditadura Civil-Militar**. 2017. 61 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, Picos, 2017.

SOUSA, Márcia de Araújo; LIMA, Nilsângela Cardoso. O Correio Radiofônico do Sertão: difusora AM e o “Correspondente do interior” no cotidiano de Picos e Macrorregião. **Rádio-Leituras**, v. 9, n. 2, 2018.

SOUSA, Nayara Gonçalves de. Na Flanerie pela cidade os cheiros nos consomem: memórias olfativas em torno da cidade de Picos-PI nas décadas de 1980 e 1990. **Faces de Clio**, v. 7, n. 14, p. 139-159, 2021.